

Teologia das Religiões

Solange Aparecida de Souza Monteiro
Paulo Rennes Marçal Ribeiro
(Organizadores)

 **Atena**
Editora

Ano 2019

Solange Aparecida de Souza Monteiro
Paulo Rennes Marcal Ribeiro
(Organizadores)

Teologia das Religiões

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Karine de Lima

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

T314 Teologia das religiões [recurso eletrônico] / Organizadores Solange Aparecida de Souza Monteiro, Paulo Rennes Marcal Ribeiro. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-068-1

DOI 10.22533/at.ed.681192401

1. Religião. 2. Teologia – Estudo e ensino. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Ribeiro, Paulo Rennes Marcal.

CDD 200.71

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

“Sonhos se constroem com várias mãos”. Assim nasceu esse trabalho. Assim nascem os projetos de Solange Monteiro e Paulo Rennes. Assim se fertilizam em nós os seus sonhos. Assim se tecem as malhas de que é composto este todo universo da Diversidade. As questões que nos inquietam, os dilemas que nos afligem, os paradigmas que nos desafiam em práticas acadêmicas, docentes, constantes, se imbricam no amálgama pulsante desta obra que visa, acima de tudo, “desacomodar”. Pois que tudo que pulsa é vivo, está imerso na dinâmica do que se transforma, no impulso do que se recria, na ânsia do que se reinventa. Esta a matéria de que se alimenta essa reunião de pensamentos, essas vozes que se encontram, esses fios que se comungam em discussões teóricas. Desacomodar diante de tudo que não é “deslimite”, como diria Manoel de Barros. Trazer ao centro das discussões tudo que possa ter ficado à margem, de alguma forma. Questões relativas à religião, identidade, cultura, formação, representatividade, alienação, persuasão, silenciamento, subalternidade, apropriação, resistência. Assim é que o primeiro artigo deste livro, de autoria Edson Munck Junior Doutorando pelo Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora **“Vim para sofrer as influências do tempo / E para afirmar o princípio eterno de onde vim”**: a resignificação do sagrado em Murilo Mendes. O objetivo do trabalho é o de contribuir para o debate pertinente a obra poética *Tempo e eternidade*, publicada por Murilo Mendes em 1935, pode ser lida como promotora de diálogo entre o modernismo e a tradição bíblico-cristã. O livro, elaborado em parceria com o poeta Jorge de Lima, tinha, em sua primeira edição, a epígrafe “restauraremos a Poesia em Cristo”. No artigo **A Doutrina da Salvação no Brasil e a Violência Contra a Mulher e Os Direitos Humanos**, autora pretende demonstrar que nas matrizes mentais do pensamento vigente brasileiro existe uma influência teológica visibilizadas em imagens e em crenças, e que essas representações, além de serem extremamente violentas, revelam dois paradigmas cunhados na história do cristianismo e recriados na colonização do Brasil pela América Portuguesa. Os temas polêmicos também estão presentes no artigo, a Imprudência de Moisés, uma Reflexão a Partir de Números 20.2-13. Com o objetivo de vislumbrar qual teria sido a atitude que Moisés praticou, que o impediu de entrar na Terra Prometida de Reginaldo Pereira de Moraes Faculdades Batista do Paraná, PPG Teologia (Mestrado Profissional) Curitiba – Paraná. **No Artigo “a Influência dos Movimentos Sociais na Formação da vontade do Estado Brasileiro e na Promoção dos Direitos Humanos** das autoras de Rosângela Angelin e Maitê Alexandra Bakalarczyk Corrêa, aborda o tema *Direitos Humanos e Movimentos Sociais no Brasil*, tendo como parâmetro indagar acerca da influência dos movimentos sociais na formação da vontade do Estado brasileiro e na consequente promoção dos direitos humanos. **No artigo A questão Fenomênica da Morte e a Possibilidade de uma Fenomenologia do Morrer nas Ciências das Religiões** de autoria de Ana Cândida Vieira Henriques, a autora pretende expor os

diferentes conceitos de morte, visto que o termo se reveste de vários significados, com o intuito de que essa distinção possa nos fornecer subsídios suficientes para pensar numa fenomenologia do morrer no âmbito das Ciências das Religiões. Arraias – TO e a Festa de Nossa Senhora das Candeias: Aspectos Histórico-Devocionais de autoria de Joaquim Francisco Batista Resende, descreve a história da cidade e sua correlação com a vivência da fé cristã a partir desse festejo. Relatar-se-á historicamente a devoção, numa retrospectiva dentro da história da Igreja do Brasil e sua inserção na vida da comunidade. No artigo **Campanhas da Fraternidade Ecumênicas: Espaço para a Convivência Ecumênica de Crianças, Adolescentes e Jovens** dos autores Luís Felipe Lobão de Souza Macário CEM Joana Benedicta Rangel / CE Elisiário Matta Maricá/RJ, sobre as campanhas da fraternidade ecumênicas realizadas nos anos de 2000, 2005 e 2010, utilizando como principais fontes de pesquisa seus respectivos manuais para, através de uma leitura crítica, destacar sua origem, sua organização, seus objetivos gerais e específicos, assim como o desenvolvimento de seus temas. No artigo **Os Sentidos para Confissão Católica no Discurso do Papa Francisco**, dos autores Heitor Messias Reimão de Melo, Letícia Jovelina Storto, Solange Aparecida de Souza Monteiro, Paulo Rennes Marçal Ribeiro os autores procuram analisar a ressignificação das questões doutrinárias e do sacramento da confissão, buscando (des)construir o discurso religioso. Para isso, está fundamentada em Brandão (2004), Orlandi (2015a, 2015b, 2005, 2001), Lagazzi (1988) e Chauí (1984). **Descalça-te, a Terra é Sagrada: A Hermenêutica de Luís da Câmara Cascudo Na História Bíblica Do Êxodo 3:5.** de autoria Erielton de Souza Martins, este artigo relata artigo relata sobre o gesto simples de Moisés ao retirar as sandálias para adentrar num lugar sagrado, sinal este que perdura em algumas culturas há milênios. No artigo o **Hibridismo Religioso: As Tradições Católicas, Afro-Brasileiras e o Espiritismo** de autoria de Eroflim João de Queiroz, o autor investigar nas tradições religiosas católicas e afro-brasileiras a influência do hibridismo religioso nos elementos apropriados pela doutrina Kardecista para sua configuração no Recife. No artigo **Morte e Medo: Compreendendo a Finitude Humana a Partir de Levinas**, o autor Anderson Fernando Rodrigues Mendes Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP investigar a compreensão sobre a morte na filosofia de Emmanuel Levinas (1905-1995), e suas repercussões psicológicas próprias do evento do morrer, como, por exemplo, o medo e a angústia. No artigo O Filho e o Espírito Santo, de autoria de Aurea Marin Burocchi. A autora busca realizar uma aproximação do Espírito Santo da vida cotidiana dos homens e das mulheres de hoje, favorecendo a riqueza do viver a comunhão da vida trinitária. **Morte e Medo: Compreendendo a Finitude Humana a Partir de Levinas, de autoria de** Anderson Fernando Rodrigues Mendes, que investigar a compreensão sobre a morte na filosofia de Emmanuel Levinas (1905-1995), bem como suas repercussões psicológicas próprias do evento do morrer, como, por exemplo, o medo e a angústia. No artigo **O Livro de Ester: Análise do Livro A partir da Teoria da Enunciação e Sua Contribuição para Compreensão da**

História, de autoria de João Carlos Domingues dos Santos Rodrigues, o autor busca mostrar não neutralidade a linguagem, marcada pelas influências que recebemos e por como o outro a acolhe. No artigo **Os fundamentos e missão da pastoral do meio ambiente** de autoria de Ulysses Gusman Júnior, aborda sobre o documento conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe apresenta-nos a necessidade do cuidado com a criação, lembrando que a criação é manifestação do amor providente de Deus.

No artigo religião e Esfera Pública: Os Riscos da Violação de Neutralidade do Estado Laico de autoria de Sérgio Murilo Rodrigues, aborda as duas teses centrais de Carl Smith em *Politische Theologie* (1922) são: “soberano é quem decide sobre o estado de exceção” e “todos os conceitos expressivos da doutrina do Estado moderna são conceitos teológicos secularizados”. **Religião e Religiosidade entre os Imigrantes Japoneses no Rio Grande Do Sul: Diálogos Culturais entre Brasil e Japão dos autores Tomoko Kimura Gaudioso e André Luis Ramos Soares**, o trabalho busca apresentar as adaptações, remanejamento e práticas religiosas percebidas entre os imigrantes japoneses residentes na região metropolitana de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. **Sujeito de Direitos Humanos, Sujeito da Cultura Hebraica e Sujeito em Alain Touraine: Interfaces, o autor** Noli Bernardoahn procura-se demonstrar interfaces possíveis entre a compreensão de Alain Touraine sobre sujeito e ator/atriz social, o sujeito profético da cultura hebraica, especificamente a partir do livro bíblico de Miquéias 3,8, e o sujeito de direitos humanos, compreendendo-o situado espacial e temporalmente. No artigo **UMA PERSPECTIVA PARA A TEOLOGIA DA SAÚDE NO CONTEXTO DA CAPELANIA HOSPITALAR**, o autor Rômulo Anderson Matias Ferreira, investiga a relação íntima com a corporeidade até o ponto de não poder prescindir dela. A partir da definição de saúde pela Organização Mundial de Saúde, é cada vez mais pacífico que a saúde é uma realidade multidimensional, fazendo surgir a necessidade de compreensão dos aspectos que a compõem.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	10
“VIM PARA SOFRER AS INFLUÊNCIAS DO TEMPO / E PARA AFIRMAR O PRINCÍPIO ETERNO DE ONDE VIM”: A RESSIGNIFICAÇÃO DO SAGRADO EM MURILO MENDES	
Edson Munck Junior	
DOI 10.22533/at.ed.6811924011	
CAPÍTULO 2	17
A DOCTRINA DA SALVAÇÃO NO BRASIL E A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER E OS DIREITOS HUMANOS	
Claudete Ribeiro de Araujo	
DOI 10.22533/at.ed.6811924012	
CAPÍTULO 3	28
A IMPRUDÊNCIA DE MOISÉS, UMA REFLEXÃO A PARTIR DE NÚMEROS 20.2-13	
Reginaldo Pereira de Moraes	
DOI 10.22533/at.ed.6811924013	
CAPÍTULO 4	40
A INFLUÊNCIA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS NA FORMAÇÃO DA VONTADE DO ESTADO BRASILEIRO E NA PROMOÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS	
Rosângela Angelin	
Maitê Alexandra Bakalarczyk Corrêa	
DOI 10.22533/at.ed.6811924014	
CAPÍTULO 5	56
A QUESTÃO FENOMÊNICA DA MORTE E A POSSIBILIDADE DE UMA FENOMENOLOGIA DO MORRER NAS CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES	
Ana Cândida Vieira Henriques	
DOI 10.22533/at.ed.6811924015	
CAPÍTULO 6	69
ARRAIAS – TO E A FESTA DE NOSSA SENHORA DAS CANDEIAS: ASPECTOS HISTÓRICO-DEVOCIONAIS	
Joaquim Francisco Batista Resende	
DOI 10.22533/at.ed.6811924016	
CAPÍTULO 7	75
SENTIDOS PARA CONFISSÃO CATÓLICA NO DISCURSO DO PAPA FRANCISCO	
Heitor Messias Reimão de Melo	
Letícia Jovelina Storto	
Solange Aparecida de Souza Monteiro	
Paulo Rennes Marçal Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.6811924017	
CAPÍTULO 8	86
CAMPANHAS DA FRATERNIDADE ECUMÊNICAS: ESPAÇO PARA A CONVIVÊNCIA ECUMÊNICA DE CRIANÇAS, ADOLESCENTES E JOVENS	
Luís Felipe Lobão de Souza Macário	
DOI 10.22533/at.ed.6811924018	

CAPÍTULO 9	95
DESCALÇA-TE, A TERRA É SAGRADA: A HERMENÊUTICA DE LUÍS DA CÂMARA CASCU DO NA HISTÓRIA BÍBLICA DO ÊXODO 3:5.	
Erielton de Souza Martins	
DOI 10.22533/at.ed.6811924019	
CAPÍTULO 10	102
HIBRIDISMO RELIGIOSO: AS TRADIÇÕES CATÓLICAS, AFRO-BRASILEIRAS E O ESPIRITISMO	
Eroflim João de Queiroz	
DOI 10.22533/at.ed.68119240110	
CAPÍTULO 11	113
MORTE E MEDO: COMPREENDENDO A FINITUDE HUMANA A PARTIR DE LEVINAS	
Anderson Fernando Rodrigues Mendes	
DOI 10.22533/at.ed.68119240111	
CAPÍTULO 12	121
O FILHO E O ESPÍRITO SANTO	
Aurea Marin Burocchi	
DOI 10.22533/at.ed.68119240112	
CAPÍTULO 13	137
O LIVRO DE ESTER: ANÁLISE DO LIVRO A PARTIR DA TEORIA DA ENUNCIÇÃO E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA COMPREENSÃO DA HISTÓRIA	
João Carlos Domingues dos Santos Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.68119240113	
CAPÍTULO 14	144
OS FUNDAMENTOS E MISSÃO DA PASTORAL DO MEIO AMBIENTE	
Ulysses Gusman Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.68119240114	
CAPÍTULO 15	153
RELIGIÃO E ESFERA PÚBLICA: OS RISCOS DA VIOLAÇÃO DE NEUTRALIDADE DO ESTADO LAICO	
Sérgio Murilo Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.68119240115	
CAPÍTULO 16	160
RELIGIÃO E RELIGIOSIDADE ENTRE OS IMIGRANTES JAPONESES NO RIO GRANDE DO SUL: DIÁLOGOS CULTURAIS ENTRE BRASIL E JAPÃO	
Tomoko Kimura Gaudioso	
André Luis Ramos Soares	
DOI 10.22533/at.ed.68119240116	
CAPÍTULO 17	167
SUJEITO DE DIREITOS HUMANOS, SUJEITO DA CULTURA HEBRAICA E SUJEITO EM ALAIN TOURAINE: INTERFACES	
Noli Bernardo Hahn,	
DOI 10.22533/at.ed.68119240117	

CAPÍTULO 18	180
UMA PERSPECTIVA PARA A TEOLOGIA DA SAÚDE NO CONTEXTO DA CAPELANIA HOSPITALAR	
Rômulo Anderson Matias Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.68119240118	
SOBRE OS ORGANIZADORES	186

A QUESTÃO FENOMÊNICA DA MORTE E A POSSIBILIDADE DE UMA FENOMENOLOGIA DO MORRER NAS CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

Ana Cândida Vieira Henriques

Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Bolsista (CAPES).

RESUMO: Este artigo transita entre as questões da morte e do morrer, enquanto fenômenos humanos experienciáveis. Decorrente disso, pretendemos investigar a possibilidade de uma fenomenologia do morrer, visto que, uma fenomenologia da morte, *a priori*, é amplamente descartada pela maioria dos estudiosos desta temática, por ela, “em si mesma”, não constituir uma experiência, uma vivência concreta da realidade. Desse modo, nas Ciências das Religiões, a fenomenologia da religião, enquanto método de investigação, se apresenta como uma via de acesso para uma profunda interpretação desse fenômeno religioso em sua totalidade, procurando trazer à tona a essência dessa manifestação que ocorre através da experiência religiosa do *homo religiosus*. Para verificarmos a possibilidade acima levantada, lançamos mão do pensamento de Van der Leeuw, Widengren e Velasco sobre a fenomenologia da religião. Com este arsenal teórico, pretendemos expor os diferentes conceitos de morte, visto que o termo se reveste de vários significados, com o intuito de que essa distinção possa nos fornecer subsídios suficientes para pensar numa fenomenologia do morrer no âmbito das

Ciências das Religiões.

PALAVRAS-CHAVE: Morte; Fenomenologia do Morrer; Ciências das Religiões.

ABSTRACT: This article transit between the issues of death and dying, while experiential human phenomenal. It has the objective of investigating the possibility of phenomenology of dying, because a phenomenology of dying, initially, is largely dismissed by most scholars, for it does not constitute an experiment, a concrete experience of reality. Thus, in Science of Religions, the phenomenology of religion, as a method of research, presents itself as a gateway to a profound interpretation of the religious phenomenon as a whole, trying to bring out the essence of this manifestation that occurs through the religious experience of the *homo religiosus*. To verify the possibility raised above, we used the thought of Van der Leeuw, Widengren and Velasco about the phenomenology of religion. With this theoretical arsenal, we intend to expose the different concepts of death, since the term has several meanings, with the intention that this distinction can provide us with enough information to think of a phenomenology of dying in the context of Science of Religions.

KEYWORDS: Death; Phenomenology of Dying; Science of Religions.

1 | INTRODUÇÃO

A morte se configura como uma das mais importantes questões filosóficas. Significa para alguns, a própria origem do ato filosófico. Sua reflexão promove o conhecimento do próprio ser humano, sua natureza e sua finalidade. Por isso, grandes pensadores clássicos e contemporâneos, a exemplo de Epicuro, Jankélévitch, Gadamer, Kierkegaard, Lévinas, Rosenberg, Sartre, Simmel, Scheler, Heidegger, Theunissen, Schumacher, dentre tantos outros, se debruçaram sobre a morte na ânsia de uma real compreensão desse fato. Estas importantes contribuições filosóficas para ciência da morte sedimentou um campo ainda pouco conhecido – apesar dos relevantes estudos - alavancando e fomentando na contemporaneidade, a possibilidade de compreendermos com mais clareza o sentido da morte e sua manifestação na sociedade.

Neste estudo, partiremos inicialmente do ponto em que a fenomenologia da religião fala a respeito da manifestação do fenômeno através das contribuições marcantes de Van der Leeuw, Widengren e Velasco. Em seguida, adentraremos na questão da morte quanto a ser um fenômeno experienciável, isto é, se ela é objeto da experiência humana, se há a possibilidade de uma submissão à abordagem fenomenológica. Devemos entender primeiramente o que é o fenômeno para podermos tentar enquadrar a morte como tal. Se fenomênica ou não, até que ponto esta manifestação pode representar e transmitir uma experiência efetiva da realidade.

Com base nisso, partiremos de uma tipologia utilizada pela medicina Legal que se baseia nos sinais vitais. Essa tipologia nos fornecerá dados suficientes para diferenciarmos cada tipo de morte, que juntamente com as noções filosóficas de morte de Schumacher, através da sua Teoria do Conhecimento da Morte, viabilizará um melhor sedimento a nossa pesquisa. A partir desse conhecimento e da distinção da morte e do morrer, verificaremos se esses dois universos abarcam experiências concretas da realidade, ou seja, experiências conscientes. De posse desse arsenal teórico, poderemos trafegar entre a morte e o morrer em busca de subsídios que comportem uma fenomenologia.

No cômputo geral, tentaremos avaliar a possibilidade de uma fenomenologia do morrer. Verificar sua viabilidade significa transitar no campo da experiência consciente. Embasados no pensamento de fenomenólogos e filósofos tanatológicos, avaliaremos essas possibilidades no âmbito das Ciências das Religiões, visto a amplitude e dimensão do seu arcabouço empírico.

2 | FENOMENOLOGIA DA RELIGIÃO: EM BUSCA DA ESSÊNCIA DO FENÔMENO RELIGIOSO

A filosofia, desde a antiguidade clássica, vem desempenhando um papel

fundamental no que se refere à reflexão e explicação dos fenômenos humanos para o conhecimento científico. A filosofia aspira o saber epistêmico, aquele que provém do conhecimento racional. E quanto à religião, a filosofia se concentrou em interpretar a realidade religiosa a partir da totalidade dos fenômenos, buscando primordialmente uma validade universal. Nesses termos, Hessen (2000, p. 12), diz que “é da religião que a filosofia está mais próxima, na medida em que também a religião dirige-se à totalidade do ser e tenta interpretar essa totalidade”.

Dentro do conhecimento filosófico, a fenomenologia vem como um método criterioso onde se busca a essência das coisas. Para Husserl (1989, p. 22, 46), “a fenomenologia é a doutrina universal das essências”. Ela designa “um método e uma atitude intelectual: a atitude intelectual especificamente filosófica, o método especificamente filosófico”. Desse modo, a fenomenologia da religião inserida no âmbito da fenomenologia, age como instrumento metodológico que auxilia o pensamento filosófico a interpretar a experiência religiosa do sujeito, isto é, do *homo religiosus*, aquele que vivencia o sagrado no tempo e no espaço.

De acordo com Hessen (2000), o conhecimento aparece como uma relação recíproca entre dois elementos: a consciência (sujeito) e o objeto. O sujeito e o objeto divergem entre si. Cada um tem uma função específica nessa relação (correlação). O sujeito tem como função apreender o objeto, já o objeto, ser apreendido pelo sujeito. Ele ainda enfatiza que,

Vista a partir do sujeito, essa apreensão aparece como uma saída do sujeito para além de sua esfera própria, como uma invasão da esfera do objeto e como uma apreensão das determinações do objeto. Com isso, no entanto, o objeto não é arrastado para a esfera do sujeito, mas permanece transcendente a ele. Não é no objeto, mas no sujeito que algo foi alterado pela função cognoscitiva. Surge no sujeito uma “figura” que contém as determinações do objeto, uma “imagem” do objeto (HESSEN, 2000, p. 20).

Prossegue afirmando que, visto a partir do objeto, este tem preponderância sobre o sujeito, pois o mesmo é elemento determinante nessa relação, já o sujeito é o elemento determinado. Com isso ele quer dizer que, esta determinação do sujeito pelo objeto, “não é porém, o sujeito que é pura e simplesmente determinado, mas apenas a imagem, nele, do objeto. A imagem é objetiva na medida em que carrega consigo as características do objeto”. Em suma, é esta imagem que se torna o meio pelo qual a consciência cognoscente apreende seu objeto (HESSEN, 2000, p. 21).

A partir dessa correlação, a fenomenologia se enquadra como uma técnica de investigação filosófica que leva em conta a relação do ser humano com o fenômeno (o ser humano como (ser determinado / sujeito) e o fenômeno (ser determinante / objeto)). É imprescindível o entendimento dessa relação, pois que isso refletirá diretamente no resultado da investigação fenomenológica. Também Van der Leeuw, em seu livro “Fenomenologia de la religión”, se refere a essa reciprocidade entre sujeito e objeto, ressaltando a forte influência que ambos exercem entre si. “[...] o sujeito da religião

é, no sentido da religião, o objeto mesmo, seu objeto, sujeito”. Leeuw (1964) segue salientando que o que a Ciência da Religião chama de objeto da religião, é para a religião mesma, o sujeito. Portanto, do ponto de vista da ciência, na relação do homem com Deus, o homem é o sujeito e Deus o objeto da experiência. Já a partir do ângulo de visão da religião, Deus é o sujeito, nunca o objeto. Ele conclui dizendo que a ciência nada pode dizer da atividade de Deus, apenas do homem (VAN DER LEEUW, 1964, p. 13, 326).

Partindo de uma hermenêutica fenomenológica, Heidegger (1988) se detém entre outras coisas, a demonstrar uma concepção preliminar de fenomenologia. Para tanto, ele procura primeiramente caracterizar os dois componentes (fenômeno e logos) que formam esta expressão, com o intuito de fomentar uma compreensão das coisas como elas são, ou seja, das coisas em si mesmas. A partir disso, ele mergulha na profundidade do fenômeno e sua conseqüente manifestação. Para ele, o fenômeno é aquele “que se revela, o que se mostra em si mesmo”. É o fenômeno que desencadeia uma manifestação, ele está sempre por trás. Os fenômenos “nunca são manifestações, toda manifestação é que depende de um fenômeno”. Ele alerta para a questão de que nem sempre o que se manifesta representa a essência do fenômeno, ou seja, a manifestação pode efetivamente não mostrar ou corresponder de fato à realidade do fenômeno (HEIDDEGER, 1988, p. 57-59).

O fenômeno religioso, por sua vez, está presente na vivência do *homo religiosus* através da sua efetividade e eficácia. A própria experiência religiosa transmite essa potência sagrada, bem como o sentimento de pertença ao mundo. Não foi à toa que Leeuw (1964) disse que devemos inserir o fenômeno na própria vida, vivê-lo metodicamente (VAN DER LEEUW, 1964, p. 657). No caso do ser religioso, a experiência nada mais é que a vivência relacional com uma realidade transcendental. Desta forma, Croatto (2001) enfatiza que a experiência religiosa está situada, antes de qualquer coisa, na experiência humana, na relação com o outro, com seu grupo social, com o mundo (CROATTO, 2001, p. 44).

Para dotar de significação essa experiência religiosa, as Ciências das Religiões lança mão da fenomenologia da religião. Prefaciando a obra de Widengren (1976), Velasco classifica a fenomenologia da religião como aquela que estuda o fato religioso em seu conjunto, se alimentando dos dados acumulados pela história das religiões. Entretanto, se distingue desta por introduzir uma preocupação sistemática quanto à ordenação dos dados históricos de forma sincrônica, além de “classificar suas manifestações e destacar a estrutura permanente que se desenha por baixo de todas elas” (WIDENGREN, 1976, p. XI).

Para Widengren (1976, p. XII), é necessário que a fenomenologia se fundamente numa investigação histórica, e que esta lhe sirva de permanente base objetiva e real. Desse modo, ele atribui o objeto da fenomenologia da religião na classificação das diversas manifestações da religião e na descrição do fenômeno religioso tal como aparece em sua história concreta.

Esse método de acesso ao fenômeno religioso é o que Velasco (1997) define como “[...] a compreensão do fenômeno religioso em sua totalidade a partir de suas múltiplas manifestações históricas”. Com isso, a fenomenologia da religião fornece um conhecimento global do fato religioso, com a pretensão da sua totalidade através da interpretação de todos os seus aspectos, tomando como ponto de partida as possíveis manifestações ocorridas ao longo da história. Velasco vê como necessário e importante a questão dos fatos acumulados e sedimentados na história para um estudo mais aclarado do fenômeno religioso (VELASCO, 1997, p. 13, 16-17, 46). Essa base é que fornecerá à fenomenologia da religião subsídios consistentes quanto à sua aplicabilidade e verificabilidade.

A historicidade do fato religioso é muito importante, mas não possui o alcance metodológico necessário para responder questões metafísicas e sua relação com o homem religioso. A fenomenologia da religião, de acordo com o que já vimos, objetiva penetrar nas camadas mais profundas da experiência humana religiosa. Logo abaixo, Eliade (1989) alerta para a questão de que a historicidade não consegue expressar o que de fato a experiência religiosa é, e nem poderia, pois a essência dessa experiência está em seu núcleo, e não manifestada nas camadas superficiais, no que aparece. Ele salienta que,

[...] a historicidade de uma experiência religiosa não nos diz o que uma experiência religiosa em última instância é. Sabemos que podemos apreender o sagrado apenas através de manifestações que são sempre historicamente condicionadas. Mas o estudo destas expressões historicamente condicionadas não nos dá a resposta às perguntas: Que é o sagrado? Que significa realmente uma experiência religiosa? (ELIADE, 1989, p. 71).

Dessa forma, a fenomenologia nas Ciências das Religiões vai seguindo seu curso no estudo da religião, em busca da sua essência, como também das suas manifestações, onde o fenômeno religioso é observado pelo seu aspecto singular, extraíndo o transcendente.

3 | MORTE VERSUS MORRER: UM ESTADO E UMA VIVÊNCIA DA REALIDADE

Iniciamos questionando se podemos conceber a morte como um fenômeno experienciável, como algo que se possa vivenciar na realidade concreta. Seria possível viver a própria morte? Podemos vivenciar a morte do outro? Até que ponto? Quando se está na morte? É o que indaga Agostinho. Em que sentido podemos pensar numa fenomenologia da morte? Ou melhor dizendo, do morrer? Estes e tantos outros questionamentos filosóficos foram suscitados com o objetivo de se conhecer mais profundamente a morte. A partir destas indagações, pretendemos avaliar a morte sob vários aspectos, desde uma tipologia padrão adotada pela medicina legal até os vários significados que o termo possui. Acreditamos que isso nos fornecerá pistas para

pensarmos na possibilidade de uma fenomenologia do morrer.

A morte é classificada pela medicina legal conforme uma tipologia que sistematiza várias formas de morrer baseadas nos sinais vitais. Ela pode ser anatômica, histológica, aparente, relativa, intermediária e real. O diagnóstico da realidade da morte – também chamado Tanatognose – é que diferenciará cada uma de acordo com os sinais que se apresentam. A morte “anatômica” é a morte do organismo ocasionada pela parada das grandes funções vitais; a “histológica” é quando os tecidos e as células morrem mais devagar.

Na sequência, a morte “aparente” é aquela em que o indivíduo parece morto, mas está vivo; a morte “relativa” é aquela onde há uma parada completa e prolongada do coração, indicando que o indivíduo está morto. Todavia, a massagem direta do coração pode fazê-lo voltar à vida; a “intermediária” é a que precede a morte absoluta e sucede à relativa. É o estágio inicial da morte definitiva. Nele, a volta à vida é impossível; e por fim, a morte “real”, a que é a verdadeira, completa, absoluta, em outras palavras, é a morte de fato (GOMES, 1985, p. 604). De um modo geral, podemos sintetizar todos estes tipos em apenas dois: “morte real” e “morte aparente” (também chamada de clínica). As Experiências de Quase Morte (EQM's) se enquadram neste último tipo de morte.

A par do conhecimento dos tipos de morte, veremos agora os diversos significados desse termo que acolhe tantas noções. Alguns estudiosos, após se debruçarem tanto sobre este tema, passam a caracterizá-la de acordo com suas teorias, sejam estas de matriz filosófica, teológica, sociológica, enfim, a partir de qualquer observatório científico. Porém, para nosso estudo, levaremos em conta as noções filosóficas de Schumacher, pois que sua Teoria do Conhecimento da Morte *é a que mais se aproxima do objetivo da nossa pesquisa*.

Ele nos fornece uma interessante proposta quanto ao emprego de quatro noções, diferenciando-as entre si. Ele propõe diferenciar o “morrer ou a agonia”; a “mortalidade”; o “falecimento ou o ser na morte”; e por fim, o “estado de morte”. Essas noções de morte são essenciais para fundamentar nossa proposta e conseqüentemente canalizar para uma viabilidade fenomenológica.

Comumente o termo morte é empregado de forma equivocada, adquirindo vários significados, ou simplesmente um só, generalizando o termo para todos os fins. Decorrente disso surge a necessidade de especificá-lo. O morrer ou a agonia faz parte de um processo no qual o sujeito (consciente) – na maioria das vezes – experimenta sua morte como que por antecipação. Em muitos casos, esse processo é retardado ou até mesmo suspenso, dependendo da estrutura e habilidade médica. Nesse sentido o “estar morrendo” representa uma realidade concreta e experimentável pelo sujeito-agonizante (SCHUMACHER, 2009, p. 29-30).

Quanto ao termo mortalidade, de certa forma, também está ligado ao morrer, ao fato de sermos mortais, de estarmos morrendo um pouco a cada dia, como diz Sêneca. Esse morrer que culmina na morte propriamente dita, está atrelado à

dimensão corpórea do ser humano desde sua projeção na mundanidade. A terceira noção de morte é o falecimento, ou, como se refere Agostinho, o “ser na morte”. Pode-se dizer que essa noção representa o limiar entre a condição de vivo e de morto, isto é, acontece simultaneamente no fim do processo do morrer e no início do estado de morte. Traduz-se pelo instante no qual o sujeito se transforma efetivamente em cadáver. Por último, temos o estado de morte. Este estado é subsequente ao falecimento, portanto, é alcançado quando este chega ao fim. Em outras palavras, é o estado que é exterior à vida do sujeito. Aqui, nada mais poderá ser experimentado pelo morto (SCHUMACHER, 2009, p. 31-32).

Analisando essas quatro noções, percebemos que as duas primeiras, a agonia e a mortalidade estão enquadradas no processo do morrer, quer seja pela condição de sujeito-agonizante, quer seja pela condição humana de simples mortal. Nesse contexto, o sujeito experimenta sensações diversas, que vão desde o medo da morte até a esperança de uma sobrevivência em outra dimensão. Dessa forma, tudo que é experienciado pelo agonizante ou pelo ser mortal transcorre na concretude da vida, isto é, num plano psicofísico. Em contrapartida, o falecimento e o estado de morte real, fogem ao contexto de um processo por representar uma ruptura total e definitiva com a consciência. Aqui o ser jaz, não é mais.

Portanto, existem de fato duas realidades distintas que temos que considerar, de um lado, o “morrer” e do outro, o “estado de morte”. Essa distinção torna-se perceptível quando conduzimos para o campo da experiência humana, enquanto a primeira comporta essa experiência, a segunda não mais, visto que o sujeito não interage com sua realidade, já é considerado morto. No morrer consciente, o sujeito tem as rédeas de sua vida, no sentido de estar no controle de sensações e sentimentos exteriorizados. Enquanto vivo, sua condição mortal e também *de moribundo*, lhe dá a chance de poder experimentar essa realidade. Em contrapartida, jamais se pode experimentar o estado de morte enquanto vivo, ou seja, é impossível experimentar a sensação de “estar morto”.

Esse morrer vivenciado, tanto pela própria pessoa como por outra, pode servir como experiência, desde que haja um elemento fundamental, a consciência. Essa experiência consciente do sujeito pode ser transmitida pela linguagem ou por símbolos, ele está apto a dar intencionalidade ao mundo. Assistir ao morrer do outro pode ser concebido também como uma experiência, só que a partir da vivência partilhada dessa agonia. Nesse caso, essa experiência é exclusiva do espectador, independente se o sujeito-agonizante está ou não consciente no processo de morte (SCHUMACHER, 2009, p. 157). Assim sendo, podemos dizer que “o morrer, além de um processo, é um caminhar que significa uma busca, uma objetivação, um atingir” (BESSA, 1984, p. 21) que envolve sentimentos de toda natureza, inclusive os espirituais e religiosos.

Quanto à fenomenalidade da morte, essa questão é levantada e discutida sob vários pontos de vista. O ponto chave se concentra em perceber a morte como

objeto fenomenal ou não-fenomenal. Jankélévitch e Fink *são exemplos de filósofos tanatológicos* que atribuem um caráter de não-fenomenalidade à morte. Para eles, no sentido estrito, a morte em si mesma não se constitui como um fenômeno, apesar dela permear todos os fenômenos da vida humana. Wiplinger também solidifica esta corrente quando acredita que a morte não é experiencial. Jaspers *é mais um a dizer* que não se pode ter pessoalmente a experiência da própria morte, mas sim a experiência relacionada a ela. Merleau-Ponty, por sua vez, também afirma que “minha morte” não pode ser objeto da minha própria *experiência enquanto estou vivo* (SCHUMACHER, 2009, p. 160, 164-165).

Tudo isso nos leva a pensar e até fortalecer a nossa hipótese da possibilidade de uma fenomenologia do morrer. É no morrer que percebemos a relação do sujeito com a morte, seja a dele ou a do outro. Nós não podemos apreender a morte como tal, mas podemos nos apoderar do que ela desperta no ser humano através de suas atitudes e comportamentos, como exemplo, a experiência do luto, a percepção evidente da decomposição do corpo, o vazio interacional pela perda, dentre muitos outros.

Não temos como afirmar se a morte é ou não um objeto fenomenal, nem temos tal pretensão. Nossa questão principal é enxergar o “morrer” como um terreno frutífero no qual acontece a tão conflituosa relação do homem com a morte. É nessa relação, às vezes tão ambígua - ora conflitante, ora tênue - que uma fenomenologia pode se instalar e extrair o que há de mais profundo. Por isso que, no nosso entendimento, uma fenomenologia do morrer a partir das Ciências das Religiões, trará mais clareza e profundidade à questão da relação do homem com o sagrado, visando interpretar o comportamento e as atitudes desse ser eminentemente religioso, que acontece no processo tanático (ou tanatológico) e na própria condição de ser mortal.

4 | FENOMENOLOGIA DO MORRER: UMA VIVÊNCIA DO SAGRADO

Com base nas inserções anteriores, procuraremos a partir de agora, vislumbrar a possibilidade de uma fenomenologia do morrer no campo das Ciências das Religiões. A morte, para esse domínio científico, representa um fenômeno religioso por ser passível de investigação quanto aos seus aspectos espirituais, religiosos e transcendentais. Tanto no “morrer” enquanto processo, quanto propriamente no fim escatológico, é perceptível a infinidade de elementos espirituais e religiosos que englobam mitos, ritos e símbolos, visando dar sentido às crenças diversas ou até mesmo, as não-crenças.

Um bom exemplo disso é o processo do morrer descrito no Livro Tibetano dos Mortos, o *Bardo Thödol*. Nessa doutrina, a consciência é considerada tanto no “morrer” quanto na “morte real”, pois que há a crença da imortalidade desta, ou seja, a consciência humana sobrevive à morte, busca a libertação (estado búdico) ou um novo nascimento (renascimento). Portanto, não existe uma consciência permanente, imutável. Há um modo distinto de consciência que se apresenta em cada bardo. De

acordo com Rinpoche (1997, p. 15), o termo bardo “se aplica a toda experiência ou a todo fenômeno cujos limites temporais são definíveis, de duração longa ou breve”. Nesse sentido, “O bardo, não está necessariamente relacionado apenas com o fenômeno da morte, mas também com a experiência da vida” (HENRIQUES, 2015, p. 133).

Referindo-nos a tipologia da morte, pudemos constatar que na morte real *não há* mais nenhum tipo de consciência, nem mesmo no caso da morte histológica, aquela em que o organismo vai se esvaindo até a chegada da morte real. Portanto, percebemos que em nenhum dos casos de morte real, pode-se enquadrar um “morrer”, no sentido de vivência consciente de uma realidade concreta, pois que já são considerados mortos pela medicina.

Em relação à morte aparente, as chamadas “Experiências de Quase Morte” (EQM’s) se enquadram perfeitamente nesse tipo, contudo, não são cientificamente comprovadas. A ciência ainda não explicou se existe de fato tal experiência vivida pelo paciente ou se tudo é fruto de sua imaginação. O que existe são relatos de pessoas que sobreviveram a um estado de “cl clinicamente mortos”. Nesse caso, é preciso ter muita cautela, pois um diagnóstico precipitado pode incorrer em necropsias, embalsamamentos e até inumações. Este caso de morte aparente, ao nosso ver, não poderá ser passível de empiria por representar uma *experiência inconsciente*, conseqüentemente não podendo ser submetido a uma abordagem fenomenológica, visto que, o indivíduo permanece inconsciente durante todo o estado, só retornando a consciência quando efetivamente sai da condição de morte clínica. O estado de coma e o estado vegetativo, apesar de estarem inseridos no processo do morrer, estão situados no plano da inconsciência, em sua grande maioria. Assim sendo, estes três estados também não se configuram como uma experiência concreta da realidade, e esta é condição *sine qua non* para uma fenomenologia.

No campo das Ciências das Religiões, especialmente para o estudioso da morte, os aspectos espirituais e religiosos imanentes nas EQM’s, representam um rico arcabouço de crenças religiosas e espirituais com forte simbolismo. Temos o conhecimento de inúmeros relatos de pessoas que passaram por esta experiência, e o seu aspecto transcendente, modificou radicalmente o modo de viver quando do seu retorno à consciência (ver livro “Vida depois da vida” de Raymond Moody). Vale ressaltar que não podemos considerar esta experiência como tal nesse estudo, por ser ela vivenciada no estado inconsciente.

Retornando ao aspecto real da morte, acreditamos também na impossibilidade de uma aplicação fenomenológica, pois, como diz Croatto (2001, p. 378), “Não se pode narrar a experiência da morte, a menos que uma pessoa “volte” a esta vida depois do momento da partida. Mas a morte é experimentada por antecipação, seja pela certeza de sua chegada, seja por ser vivida na dos outros”. Ele é categórico quando afirma a impossibilidade de uma narrativa da própria morte, ou seja, da morte em si mesma, mas sinaliza a possibilidade da experiência consciente desta mesma morte, só que

no processo tanático (do morrer). Moody (1979, p. 9) também dissocia a consciência humana da morte. Para ele, “A morte, entretanto, é algo que jaz além da experiência consciente da maioria de nós porque a maioria de nós *ainda não passou por ela*”.

Desse modo, a morte, enquanto “falecimento” e “estado de morte”, escapa a qualquer empiria. Ela não é oferecida como um objeto ao sujeito, portanto, não conseguimos objetivá-la como tal. Ela foge a uma redução fenomenológica, apesar de se apresentar no fim do processo do morrer (SCHUMACHER, 2009, p.158-160). Com base nessa linha de raciocínio, podemos pensar que somente os estados conscientes do processo do morrer é que podem ser submetidos a uma fenomenologia, e no nosso caso, a uma fenomenologia da religião.

Através da tipologia e das noções de morte já vistas, conseguimos ver com mais clareza suas distinções, o que nos leva a dizer que as EQM's, o coma e os estados vegetativos, fazem parte do fragmentado processo de morte, contudo, não podemos considerá-las como experiência da realidade por não apresentarem uma consciência efetiva que sirva de fio condutor para uma possível fenomenologia.

Em relação a isso, o sujeito-agonizante, “a partir do momento em que mergulha no estado inconsciente, como o do coma, já não é capaz de comunicar a ninguém sua experiência do morrer”. Pois “que o morrer, até certo ponto, [...] pode servir como experiência”, ou seja, quando está situado num morrer consciente (SCHUMACHER, 2009, p.158-160). Nesse estado do processo (coma), geralmente o sujeito perde toda a noção da realidade. Não podemos esquecer que para uma inserção fenomenológica no processo de morte, há que ter a presença de dois aspectos essenciais: a experiência e a consciência.

Somente o que é vivenciado pelo moribundo, de maneira “consciente”, é que devemos considerar. As experiências relatadas por Kübler-Ross em seu livro “Sobre a morte e o morrer”, retrata esse morrer consciente pelos seus pacientes. Estas experiências manifestam a agonia, a frustração e a expectativa, vivenciadas por pacientes em estado terminal da doença.

Estas experiências aconteceram com pacientes que tinham noção do que estava ocorrendo com seu organismo, estavam conscientes do processo que haviam iniciado, e que, portanto, teriam que enfrentá-lo corajosamente, tendo na maioria das vezes um desfecho desfavorável quanto à uma sobrevivência terrena. Esse “morrer” tão enfatizado por Kübler-Ross (1996), traz à tona toda fragilidade humana diante de fatores externos. Durante todo esse processo, o moribundo vivencia sua dor, ao mesmo tempo em que seu despreparo diante da morte, eclode, causando certo desespero.

Diante desse quadro, Kübler-Ross identifica cinco fases pelas quais o moribundo geralmente passa. Vale salientar que nem todos passam por esses cinco estágios, pois que muitos morrem sem os ter vivenciado, como também nem todos vivenciam nessa sequência adotada por ela. 1. Negação e isolamento; 2. Raiva; 3. Barganha; 4. Depressão e 5. Aceitação, são experiências reais vividas pelo doente, independente da condição de interno em hospitais ou simplesmente em casa (KÜBLER-ROSS, 1996,

p. 51, 63, 95, 99, 125). Conseguimos em um estudo anterior – “Por uma tanatologia religiosa a partir das múltiplas perspectivas da morte e do morrer” (Revista Paralellus, Vol. 8, nº 17, 2017) – identificar aspectos espirituais e religiosos experimentados pelo sujeito no decorrer do processo de morte, a partir desses estágios de Kübler-Ross, o que nos permitiu apontar uma nova tendência de pesquisa, a “Tanatologia Religiosa”.

Desse modo, como afirmamos anteriormente, o processo do morrer deve representar para o cientista religioso um solo propício onde germina e desenvolve elementos simbólicos que chegam a expressar a imanência e transcendência do sagrado. Todos os sentimentos e sensações sentidas no morrer, como já apontamos, indica um estado de consciência latente. Sendo assim, o sujeito está aberto a vários tipos de experiências, quer seja na facticidade da realidade, quer seja na experiência da transcendência.

Em suma, ao contrário da morte, acreditamos que uma fenomenologia do morrer pode existir como possibilidade, pois que o morrer se configura como objeto experienciável, portanto, legitimando uma análise fenomenológica. Vale ressaltar que nesta experiência do morrer, que se configura como uma experiência religiosa / espiritual, o *homo religiosus* vai além quando sua agonia transcende a esfera da realidade concreta. É dessa forma que o sujeito-que-morre transforma o processo doloroso do morrer em uma experiência real e transcendente.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reiteramos aqui toda discussão levantada neste artigo com o intuito de fomentar uma fenomenologia do morrer (tanatológica), tomando como ponto de partida o pensamento de grandes fenomenólogos da religião como Van der Leeuw, Widengren e Velasco. Eles sedimentaram essa técnica filosófica partindo da relação do homem com o fenômeno religioso, pois que essa experiência religiosa se traduz pela relação do *homo religiosus* com o sagrado, o transcendente, o numinoso.

Concebendo esta experiência como alvo passível de investigação, a fenomenologia da religião busca uma profunda interpretação da totalidade desse fenômeno. Ela visa penetrar nas camadas mais profundas dessa experiência para poder extrair sua essência, pois, de acordo com Heidegger (1988), nem toda manifestação fenomênica condiz com a realidade do fenômeno em si. Algo pode se mostrar o que não é na sua essência, incorrendo fatalmente em falsas interpretações.

Foi com base nestas teorias que, *a priori*, canalizamos esforços para trazer à tona a questão da morte enquanto fenômeno religioso no âmbito das Ciências das Religiões. Fundamentados na tipologia da morte adotada pela Medicina Legal e pela Teoria do Conhecimento da Morte de Schumacher, pudemos nos munir de elementos substanciais que apontaram para a viabilidade de uma fenomenologia do morrer. O morrer, enquanto processo, representa um repositório de experiências das mais

diversas naturezas. Nele, o sujeito pode trafegar pelo plano consciente e inconsciente, imanente e transcendente.

Podemos considerar o morrer como um processo fragmentado, não contínuo, pois que nele se verifica a alternância de estados de consciência, a exemplo das EQM's, do coma e dos estados vegetativos. Por isso devemos considerar como um percurso caracterizado por roturas devido à agregação dos vários estados mentais. Uma fenomenologia do morrer só terá eficácia na sua implementação se for canalizada para as experiências do sujeito-agonizante no seu estado consciente.

O falecimento e o estado de morte estão situados no final de todo processo tanático, contudo, como já vimos, são estados inconscientes que nos escapam por a morte já se encontrar devidamente instalada. São estados irreversíveis e definitivos. Com isso, nós queremos dizer que somente os estados conscientes do processo podem ser experimentados efetivamente pelo sujeito. Os estados inconscientes não são fontes de experiências pessoais, ou seja, não podem ser experimentados pelo sujeito-agonizante, entretanto, podem constituir experiência para aquele que assiste a degradação física e mental do outro, o sujeito-espectador.

O sujeito-espectador está apto a experienciar a dor alheia através da sua. Isso sim pode se tornar objeto de investigação, pois que essa experiência está relacionada à morte, mais propriamente ao morrer do outro, através de posturas, atitudes, sentimentos, enfim, de reações no sujeito-espectador despertadas pelo sujeito-agonizante. Esta manifestação do sujeito-espectador, a partir de uma fenomenologia do morrer no âmbito da fenomenologia da religião, vai retratar um comportamento religioso frente à agonia e a dor alheia.

Da mesma forma acontece com o sujeito-agonizante-religioso, só que agora a manifestação parte do próprio sujeito que vivencia o processo doloroso. Ele é o protagonista dessa experiência que se manifestará através de um comportamento religioso. Quando levamos em conta esse tipo de comportamento, estamos nos referindo apenas ao homem religioso, pois que este se configura como o sujeito da experiência vislumbrada pela fenomenologia da religião.

Sua luta travada com a morte gerará elementos espirituais e religiosos passíveis a serem averiguados, quando tomamos como parâmetro os cinco estágios da tanatologia de Kübler-Ross. Cada fase do morrer exige um tipo de reação por parte do sujeito, como atesta a estudiosa pelos resultados de sua pesquisa.

Ela ressalta que, comumente, a negação é uma defesa temporária por parte do paciente, que é normal o estado de choque inicial, todavia, gradualmente essa reação se desfaz. A raiva, ou revolta, inveja e ressentimento, costumam aparecer neste processo em forma de indagações, os quais se perguntam “o porquê de ser eles e não os outros”. Neste estágio é comum o paciente se revoltar contra Deus e as pessoas. Outra postura adotada é a barganha. Aqui o paciente percebe que precisa entrar em acordo com Deus, se ele não conseguiu nada quando se reportou com ira, talvez consiga agora manifestando-se com certa tranquilidade.

Outro estágio observado por Kübler-Ross foi o estado de depressão pelos quais os pacientes passavam. Eles apresentavam um quadro de apatia, de desânimo, onde perdia grande parte da esperança que envolvia todo o processo. E por fim, o estágio da aceitação, onde o entendimento sobre sua real condição se fazia presente. De certa forma, nessa fase o paciente experimentava um pouco de paz (KÜBLER-ROSS, 1996, p. 51-125). Do ponto de vista das Ciências das Religiões, cada fase dessas enfrentada pelo sujeito, pode representar um rico espectro de crenças, amparados por mitologias e simbolismos, elementos essenciais que compõem a experiência religiosa.

REFERÊNCIAS

BESSA, Halley A. A morte e o morrer. In: D'ASSUMPÇÃO, Evaldo; D'ASSUMPÇÃO, G.M.; BESSA, H.A. **Morte e suicídio**: uma abordagem multidisciplinar. Petrópolis: Vozes, 1984, p. 13-25.

CROATTO, José Severino. **As linguagens da experiência religiosa**: uma introdução à fenomenologia da religião. Trad. Carlos Maria Vásquez Gutiérrez. São Paulo: Paulinas, 2001.

ELIADE, Mircea. **Origens**: história e sentido na religião. Trad. Teresa Louro Perez. Lisboa: Edições 70, 1989.

GOMES, Hélio. **Medicina Legal**. 24ª edição. Rio de Janeiro: Ed. Freitas Bastos, 1985.

HEIDDEGER, Martin. **Ser e tempo**. Trad. Márcia de Sá Cavalcanti. Parte I. Petrópolis: Vozes, 1988.

HENRIQUES, Ana C.V. **A morte e o morrer**: correlações entre o catolicismo romano e o budismo tibetano. Saarbrücken: NEA, 2015.

HESSEN, Johannes. **Teoria do conhecimento**. Trad. João Vergílio Gallerani Cuter. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

HUSSERL, Edmund. **A ideia da fenomenologia**. Trad. Artur Morão. Rio de Janeiro: Edições 70, 1989.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. **Sobre a morte e o morrer**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MOODY, Raymond. **Vida depois da vida**. 16ª ed. Rio de Janeiro: Nórdica, 1979.

RINPOCHE, Bokar. **Morte e arte de morrer no Budismo Tibetano**. Brasília: Shisil, 1997.

SCHUMACHER, Bernard N. **Confrontos com a morte**: a filosofia contemporânea e a questão da morte. *São Paulo: Loyola, 2009.*

VAN DER LEEUW, G. **Fenomenología de la religión**. Trad. Ernesto de la Peña. México: Fondo de Cultura Económica, 1964.

VELASCO, J. Martin. **Introducción a la fenomenologia de la religión**. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1997.

WIDENGREN, Geo. **Fenomenología de la religión**. Trad. Alvaro Alemany. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1976.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-068-1

